

FEIRAS NORDESTINAS

Momento final de um ato humano, nunca tão simples e comovente, pela funda necessidade de comunicação nele reconhecida, interessados diretos e circunstanciais formam um círculo atraídos pela voz pausada do narrador que lê / uma carta farta de peripécias e detalhes, aventuras de um parente distante na trilha da Transamazônica, sililar agora de seus heróis burlescos, épicos, viramundos. Seu destinatário pouco se importando com a intimidade compartilhada por aquêlo círculo curioso, ouve a vez cheia de modulações de quem confiara a leitura da carta por não saber ler. Nesta platéia / embriagada pelas peripécias do herói vive identificamos uma das pequenas células circulares das quais a imensa colméia de uma feira, múltipla de acontecimentos e situações, parece se constituir.

A feira nordestina é um grande comércio, pelo qual flui a vida econômica da região. Nela se realiza o ponto final de um ciclo de produção agrária, pastoril e artesanal. Dessa operação resulta outra, a aquisição no comércio varejista local, ou na própria feira, de artigos que atendam às necessidades da família.

A grande feira nordestina (Caruaru, Campina Grande, Juazeiro do Padre Cícero, Feira de Santana) é um fantástico espetáculo, criado / com o preciso ritual de um ofício religioso, para o qual os seus obrigados se dirigem convergindo de pontos diversos, povoados, roçados, arraiais, alcançando a praça da matriz ou o pátio de extensão ao mercado municipal. Barras, carroças, caçambas, caminhões, ombros afluem e despejam suas mercadorias de cestas, sacos, mocós, caixões, aos primeiros instantes de um luminoso dia nordestino.

O grande espetáculo começa a constituir sua geometria, aparentemente desvairada, mas internamente ordenada pela ocupação estratégica e ordenada de áreas que a natureza de cada mercadoria determina.

Nesse grande supermercado barracas e instalações provisórias, esteiras, pranchas, jiraus supertam tabuleiros com redes, frutas, talhas, artigos de couro, barro, palha, pano, ferraria, funilaria, ourivesaria, produtos medicinais, religiosos, artísticos.

Crescendo desde a sua inslação na madrugada, ela vive intensamente um espetáculo feérico, de sons intensos, que só começa a declinar às primeiras horas da tarde. Sente-se a sua existência / pulsar, independente quase de seus constituintes ali mergulhados e alheios ao todo, compõe com gestos vigorosos a supra-forma da feira.

Os artesãos, produtores por excelência dos diversos artigos / de consumo, nessa economia pré-industrial, encontram na feira o principal centro de comercialização de seus produtos. São eles os depositários da técnica e da tradição que caracterizam a cultura da região.

Manifestações de arte popular encontram na feira seu grande / cenário e ambiente natural. Vezes atendendo e solicitando misturam-se aos chistes relâmpagos dos poetas improvisadores, que alimentam seus repentes de sugestões maliciosas, fatos da vida comunitária e precisas apreciações circunstanciais que o acase e a platéia ofezem.

A feira é também a oportunidade de civilização. Tomando conhecimento do mundo que o rodeia através de um contato fabricitante e cheio de impactes o nordestino alarga seu horizonte. A feira lhe prepricia num tempo curto acontecimentos múltiplos que lhe desde- / bram a visão e a consciência, capacitando-o a uma noção mais real de sua comunidade.

José Carlos Capinan
Geraldo Sarne.